

EST. 5/E
CÓD. 03
PUBLICAÇÕES
MIS/PR

Cadernos do MIS
fevereiro 1989 nº 3



*cachorro não.
chichorro!*

CADERNO DO MIS Nº 3: CACHORRO NÃO, CHICHORRO!

ENTREVISTA - DEPOIMENTO DE ALCEU CHICHORRO
A JOÃO DEDEUS FREITAS NETO

TRANSCRIÇÃO DAS FITAS DA ENTREVISTA
LUIZ ANTONIO BOCHI

AMOSTRAGEM DE CHICHORRO

TEXTO DE SELEÇÃO DE KEY IMAGUIRE JR

DESENHOS DE ARQUIVOS : CASA DA MEMÓRIA - FCC

EDITOR : VALÊNCIO XAVIER

SUPERVISÃO: SEBASTIÃO DE FRANÇA

MONTAGEM: CLAUDIA BRITO

COMPOSIÇÃO : RENILDES CARLI SANTOS
ADAIR DE ABREU

RODADO NA CENTRAL DE REPROGRAFIA DA SEEC
RESPONSÁVEL : OSMARIO FERREIRA DOS SANTOS

CAPA : DEBORAH SCHWANKE

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

RUA MARTIM AFONSO, 280 - FONE (041) 232- 9113

CEP 80410 - CURITIBA - PR

* PEDIMOS PERMUTA

INTRODUÇÃO

Em 24 de fevereiro de 1971, quando o MIS fazia parte da Biblioteca Pública do Paraná, o jornalista João Dedeus Freitas Neto gravou o depoimento do escritor, jornalista, poeta e - devo dizer: acima de tudo? - caricaturista Alceu Chichorro, na época com 75 anos de idade, mas ainda ativo na imprensa curitibana.

Neste, como não poderia deixar de ser, bem humorado depoimento, o criador do casal Chicó Fumaça & Marcolina e do cachorro Totô conta, ao seu modo, sua vida destacando, talvez pela cumplicidade e admiração do entrevistador, sua vida na imprensa paranaense.

É com este depoimento-entrevista que o MIS inicia, através de seus cadernos, a publicação dos registros de história oral de seu acervo, com o pensamento de que um museu tem por obrigação divulgar ao máximo sua coleção, buscando atingir o maior número de pessoas possível.

Para complemento deste caderno, pedimos ao arquiteto, professor Key Imaguire Jr., um *expert* em cartunismo e HQ, para que organizasse uma amostragem dos trabalhos gráficos de Alceu Chichorro. Em seu texto, o professor Key explica os critérios que usou para a seleção. A Casa da Memória, da Fundação Cultural de Curitiba, a quem agradecemos, forneceu os originais de Alceu Chichorro de seu acervo.

Desnecessário dizer que, na transcrição da entrevista-depoimento, usamos os critérios universalmente estabelecidos para conservar maior fidelidade de registro oral transcrito.

NADA DE CONFUSÕES...

"O momento não permite confusões e exige clareza absoluta de idéias e ação eficaz para o bem geral".



— Que é isto Fumaça; que indiscrição é esta?
— E' que você deve banhar-se com benjoim para ficar pura e "transparente" como a verdade!

FREITAS NETO:- O Museu da Imagem e do Som da Biblioteca Pública do Paraná colhe, neste momento, o depoimento de uma das figuras mais veteranas e pitorescas do jornalismo paranaense. Trata-se de ALCEU CHICHORRO de quem, este que o entrevista - jornalista Freitas Neto - foi discípulo no já extinto jornal O DIA, no tempo da chamada imprensa boêmia, que tinha muito pouco, diga-se a bem da verdade, de boêmia e muito mais de imprensa do que hoje. Alceu Chichorro, além de jornalista é poeta, é caricaturista e foi, no meu modo de entender, o primeiro chargista do Paraná. Um gênero de crítica política, a charge, que hoje está praticamente extinto, por motivos supervenientes. Alceu Chichorro, você como todo o homem que faz retratos, evidentemente não vai gostar de ser retratado. Mas este é um depoimento de valor histórico e você não poderá se eximir disso que nós sabemos ser um ônus para você. Chichorro, quando e onde você nasceu?

CHICHORRO:- Nasci em Curitiba a 21 de junho de 1896. Não é que eu me lembre mas vou, neste momento, dizer onde: na rua antiga Aquidabam, hoje Emiliano Perneta, onde meus pais moraram. Poderia, ainda, acrescentar que sou filho de Joaquim Procópio Pinto Chichorro Júnior e Francisca Hosana Eloy Chichorro. Não vou enumerar aqui o nome dos meus irmãos porque muito deles já descansam.

FREITAS NETO:- Chichorro, porque Alceu Chichorro jornalista?

CHICHORRO:- Penso e acredito mesmo que fosse uma herança de meu pai que foi jornalista, diretor da antiga República, do Partido Republicano Paranaense e foi também da antiga GAZETA DO POVO, com Claudino dos Santos. Daí, talvez, esta herança ou tara, que eu acredito que seja.

FREITAS NETO:- E o poeta?

CHICHORRO:- Poeta também, quase que a mesma, porque meu pai foi poeta. Foi ele quem escreveu DEUS SOCIAL, de uma crítica a esse Deus que todo mundo fala e a todo momento

chama por Ele sabendo que Ele não atende e que nem sa-
be se estão chamando.

FREITAS NETO:- Alceu Chichorro, uma pergunta agora, a
tê certo ponto indiscreta. Como você pode aliar essas
duas condições de jornalista e de poeta - atividades
afins - com uma outra tão diferente como a de posta-
lista no Departamento dos Correios e Telégrafos?

CHICHORRO:- É como meu nobre amigo Freitas Neto diz.
São afins a de jornalista e de poeta, a outra não é,
a outra é de burocrata. E eu fui burocrata 35 anos,
não porque fosse burocrata não, é porque eu precisava
ganhar dinheiro e sabia que com o jornal a gente não
ganha nada, ganha é muita experiência mas pouco di-
nheiro. E daí foi que, com 35 anos de serviço de fun-
cionário público consegui a aposentadoria que, em jor-
nal é coisa difícil conseguir. Tão difícil que até a
gente não consegue mesmo. Pode conseguir como jorna-
lista mas num Instituto porque o jornal não aposenta
ninguém, diretamente ele não aposenta ninguém. O que
ele faz mesmo é explorar o quanto pode até a gente
não ter mais forças.

FREITAS NETO:- Chichorro, mas voltemos à charge polí-
tica que eu acho que é um gênero dos mais interesan-
tes, pelo menos no Brasil já foi um dos gêneros mais
interessantes, seguindo aquele velho aforismo que diz
que "uma foto vale mais que mil palavras". Imagine vo-
cê agora, que não se trate de uma causa de charge e de
foto. Ou, vamos dizer assim, seria uma foto distorci-
da onde acentuar-se-iam os contornos ao sabor daquele
que tem intenção de verberar ou de profligar qualquer
fato ou qualquer pessoa ou qualquer causa. A charge
política, como eu já disse anteriormente, deve ter
nascido com você, no Paraná. Você confirma isso?

CHICHORRO:- Houve no Paraná quem fizesse charge polí-
tica, como Mario de Barros o Herônio do antigo Olho
da Rua. De fato ele fez, mas não neste gênero que eu

criei, o gênero diário e meio contundente, às vezes, que
não deu muito trabalho, sô deu oito processos. Um dos pi-
ores, mais agitado, que agitou um pouco Curitiba, foi
quando eu quis fazer e fiz (fui ameaçado e aí eu fiz até
o fim) do Presidente do Tribunal de Justiça que eu, para
evitar mais tarde o que eu sabia que ia acontecer, eu a-
pelidei-o de Minervino, quando ele deu um Voto de Miner-
va a favor, não como deve ser o Voto de Minerva que é
sempre a favor do réu, ele deu contra o réu prá ser favo-
rável ao Presidente do Estado. Então eu comecei assim
prá começar a charge eu disse: Minervino de uma figa /
Tu servias sem desdouro / Prá desempatar briga / Dos cor-
vos, no matadouro.

FREITAS NETO:- Delicioso, Chichorro! De fato, Alceu Chi-
chorro talvez não tenha sido o primeiro chargista políti-
co do Paraná mas foi o que primeiro sustentou uma charge
diária, primeiramente no jornal O DIA e depois na GAZETA
DO POVO, na qual três personagens que ele criou - o CHI-
CO FUMAÇA o TOTÔ e a MARCOLINA se encarregavam de traçar
os perfis das personalidades da época e de criticar os
fatos daqueles idos tempos. Afora isso Chichorro publica-
va, também diariamente, uma crônica de sentido crítico,
mordaz geralmente, chamada GRAVETOS E FAGULHAS e na qual
ele assinava ELOY DE MONTALVAN. Eloy, estou sabendo ago-
ra que foi um dos nomes que ele tirou do nome inteiro de
sua progenitora. Agora, porque o Montalvan, Chichorro?

CHICHORRO:- Usei Montalvan por uma questão de eufonia
porque se eu puzesse Eloy dos Santos não tinha graça,
tem de ser Montalvan. Dá uma expressão até de nobreza e
ra o que eu queria que pensassem, que eu era um duque es-
tragado, não é, era o que eu queria. Agora, Fumaça...
Aparte - Nobreza de espírito, não é?
Fumaça eu criei para uma crítica também mordaz, daquilo
que não é nada, é fumaça. E com o tempo, parece mentira,
quem ficou com o nome de Fumaça fui eu mesmo, me chama-
vam de Fumaça. Numa das últimas festas que eu estive, em
que estavam vários casais, eu cheguei um pouco atrasado,

diz um: "Fumaça, porque não trouxe a Marcolina"? Eu tinha que sair bem desse apuro. Digo: "Eu explico, dona Marcolina é insociável".

FREITAS NETO:- Foi a maneira mais fácil de fugir do problema. Mas interessante essa afirmativa tua de que Montalvan dava, assim, um sabor de nobreza ao pseudônimo. E de fato, até como poeta você também, não digo que tenha sido um Grabiél D'Anunzio mas foi um Gabriel de Anúncio. Porque naquele tempo o jornal, o jornalista, a par de sua atividade puramente redacional ele se defendia, também, através de uma publicidadezinha de um amigo, de um dono de restaurante, de um bar e de uma confeitaria, não é verdade, Chichorro? Era a imprensa boêmia.

CHICHORRO:- De um Louvre.

FREITAS NETO:- De um Louvre, exatamente. Mas Chichorro, você na sua longa vida profissional tem subsídios que dariam para manter aqui uma conversação de algumas horas mas achamos nós, que tivemos a incumbência de entrevistá-lo, que seria interessante, num processo sintético pegar, assim, os aspectos que nós consideramos que representem uma contribuição mais expressiva ao jornalismo paranaense, para que fique imortalizado - agora já não se diz mais no bronze mas na fita magnética - esse depoimento por todos os modos altamente expressivo. Chichorro, a sua época, digo verve, fez época e ainda faz, em Curitiba. É por isso que há pouco tempo eu dizia que a nossa imprensa tinha muito mais de imprensa do que de boêmia porque era a imprensa onde trabalhava gente que, antes de mais nada, deveria saber ler e escrever e ter uma relativa cultura geral. Hoje as coisas parecem que não estão bem assim, não é Chichorro?

CHICHORRO:- Não, não estão.

FREITAS NETO:- Então, a par da sua atividade profissional existe uma enormidade de fatos e de situações pitorescas, jocosas; muitas delas, eu acredito, que lhe tenham dado indevidamente a paternidade mas muitas outras, de muitas outras eu fui testemunha e posso dar aqui o meu depoimento de fidelidade. Você podia enumerar ou quer que eu lembre a você, assim, algumas dessas si-

tuações?

CHICHORRO:- Uma das situações interessante, que eu acho interessante foi quando o governador aqui...todo o edifício ele punha uma placa: "Foi inaugurado em tal dia por Fulano de Tal". Quando ele deixou o governo e assumiu o então Dr. Afonso Alves de Camargo eu fiz o Afonso correndo na frente e o governador com uma placa, atrás. Diz: "Eleito e empossado no governo do Dr. Caetano Munhoz da Rocha".

FREITAS NETO:- Chichorro, e aquela história de você rapagão, num baile do tradicional Clube Curitibano, dançando com uma moça que ainda hoje é senhorita, figuras das mais expressivas da nossa sociedade e que polarizava a atenção de todos os rapazes da sua época porque era uma das poucas moças que já tinham estado na Europa. Naquele tempo, estar na Europa era um acontecimento invulgar e eu me lembro que você dançava com essa senhorita no antigo Clube Curitibano e aconteceu uma situação muito curiosa. Você lembra disso? Como é que foi, Chichorro?

CHICHORRO:- Estava dançando e conversando, naturalmente, com a moça quando alguém me empurrou, estava cheio, eu pisei na moça. Ela disse: "Ô, cachorro!" Eu digo: "Desculpe, senhorita, não é cachorro, é Chichorro, para lhe servir."

FREITAS NETO:- Mas ainda voltando ao assunto do baile tem um outro fato, também, que esse eu mesmo vou contar para não ficar muito enfadonho ao Chichorro. Chichorro dançava também, se não me falha a memória, pelo que me contaram. (Logicamente eu não sou da época, Chichorro, pelo amor de Deus, falta muito pra veterano). Então o Chichorro um pouco alegre, logicamente o baile era alegre, era de moços, ele olhando pro forro enquanto dançava, em êxtase quem sabe? E disse à senhorita: "Você viu o que passou no forro"? E ela: "Não que foi, Chichorro?" Ele disse:

"Uma largatixa". Aí ela, moça ilustrada, até certo ponto esnobe, disse:

"Largatixa, seu Chichorro ou lagartixa"? Aí Chichorro respondeu:

"Pois olhe, passou tão ligeiro que eu não percebi". Outra situação, Chichorro.

CHICHORRO:- Daqui...do meu tempo?

FREITAS NETO:- Do seu tempo, lógico.

CHICHORRO:- Eu ia prá casa já tarde, como saía do jornal muito tarde, e nesse tempo morava aqui o Alegretti Filho, médico. Conheceu, não?

FREITAS NETO:- Ah, o famoso Dr. Alegretti Filho.

CHICHORRO:- Dr. Alegretti. Que ele ia, jogava lá na casa dos Fontana, tudo, e quando passou perto de mim olhou assim no banco e disse:

"Chichorro, torrado, não"? Eu digo:

"Não, alegrete, filho".

FREITAS NETO:- Esse trocadilho marcou época. Mas assim era Alceu Chichorro - crítico mordaz que não perdoava, em prejuízo de uma boa piada, mesmo aquelas figuras que detinham, na época, o poder e as posições de maior expressão de nossa sociedade. Ganhou logicamente, como todo crítico, inimigos.

CHICHORRO:- É claro.

FREITAS NETO:- Mas ganhou, também, uma legião de amigos que souberam apreciar o seu talento, o seu senso de humor e a sua verve, enfim. Aliás na imprensa daquela época, e o Chichorro pode dizer bem melhor do que eu porque eu já peguei o fim dela, a boemia, o tipo de boemia era essa boemia de espírito, se gastava talento. Era o Chichorro, era o Barros Cassal, era o Corrêa Júnior, era o Coelho Júnior. Do Barros Cassal tem fatos interessantíssimos.

CHICHORRO:- Muito, muito.

FREITAS NETO:- Também era profissional de muito senso crítico e polêmico, também. Chichorro, então me conte uma coisa, é sabido que você foi companheiro inseparável do Corrêa Júnior que você citou agora e que era um boêmio dos mais conhecidos da cidade. Vocês dois marcaram época em Curitiba criando situações incríveis; se dispa de qualquer prurido de pudor e conte para nós, para esse depoimento para a história, alguma dessas situações das quais eu conheço por ouvir falar uma ou outra.

CHICHORRO:- Uma noite nós estávamos na antiga avenida Luís Xavier e tinham bancos ali e discutia-se, nessa hora, a crise de habitação. Eu digo:

"Mas aí nessa árvore pode-se dormir tão bem". Diz:

"Então suba". E eu subi. Veio o guarda e disse:

"O senhor, desça daí". Digo:

"Não posso sou fruta".

"O senhor desça daí ou o senhor está preso". Digo:

"Pode ser, o senhor quer subir aqui prá me prender, prenda".

E de repente eu caí, Aí eu digo:

"Agora a fruta amadureceu, vá chamar um turco prá me comprar".

FREITAS NETO:- Não era mais caso de polícia, não é?

CHICHORRO:- Também tivemos uma, eu com o Corrêa, depois de uma noite de boêmios. Eu digo:

"Sabe de uma coisa, Corrêa, isto aqui está cacete como o diabo, vamos pro Japão"? Diz:

"É negócio", diz ele. Bom, foram lá e compraram duas passagens e o João entendeu que eram duas passagens pro Portão. Quando chegou no Portão diz:

"Desce". E o Corrêa começou a chorar.

"Porque você está chorando?" Diz ele:

"Eu não trouxe nem pijama!"

FREITAS NETO:- Chichorro, na época do Emílio de Menezes, na época boêmia do Emílio de Menezes, do Paula Ney, do João do Rio, o ponto de reunião, o ponto de encontro era

a Confeitaria Pascoal, depois a Colombo mas mais a Pascoal. Havia em Curitiba também, um ponto assim que reunia os boêmios de espírito da cidade?

CHICHORRO:- Tinha. Era a confeitaria do Bube, na rua XV em que José Cadilhe diz que "boêmio que não frequentasse o Bube era um boêmio do Colégio de Sion". E era frequente aquilo.

FREITAS NETO:- Quem frequentava o Bube?

CHICHORRO:- Quem frequentava o Bube? José Cadilhe, poeta; Ildefonso Cêro Azul, poeta, filho do barão do Cêro Azul; modestamente eu; Corrêa Júnior; mais tarde o Barros Cassal. E tinham aqueles que não escreviam nem sabiam fazer verso mas sabiam fazer boemia. Esses também frequentavam. E quase todos da época, da época como o meu amigo referiu há pouco, era a época alegre da imprensa, que hoje desapareceu. De modo que, como no Rio, nós tínhamos também a nossa rodinha ali. E eram tão boêmios que certa ocasião o Ildefonso Cêro Azul - o Barãozinho como nós chamávamos ele - num domingo foi com a senhora depois do cinema e entrou, lá. Daí há pouco a senhora dona Constancinha diz:

"Mas o que que você está tomando, leite? Parece que está meio ruim". Ele disse:

"Este garçon é atrevido, ele põe primeiro o gin, depois é que ele põe o leite".

FREITAS NETO:- Chichorro, voltando agora ao jornalismo: O DIA, para situar assim no tempo, um pouco mais perto, O DIA enfrentou uma época muito dura do teu tempo, uma época de grandes modificações políticas, não é, de regime, principalmente. Você lembra daquelas campanhas d' O DIA, do tempo em que o diretor era o Júlio Hauer e o redator-chefe era o Rodrigo de Freitas?

CHICHORRO:- Me lembro muito bem, me lembro, trabalhei com os dois, tanto um como outro. O seu pai, o saudoso jornalista e bom amigo morou um tempo em cima do próprio

jornal O DIA e, mais tarde, o Júlio Hauer também veio. Aí seu pai já tinha deixado e ele morou, também, lá em cima. E uma noite ele desceu, Júlio Hauer, desceu e tinha um artigo meio inconveniente em que...eu posso dizer qual era o artigo?

FREITAS NETO:- Eu tenho o número desse jornal em casa, na minha coleção. Um suelto de primeira página, não é?

CHICHORRO:- É, um suelto de primeira página. E...

FREITAS NETO: O título você lembra? Como era o título, Chichorro?

CHICHORRO:- "Vão a p. que os p." Coisa terrível, não é? Eu digo:

"Doutor Júlio, o senhor amanhã está despedido". Ele diz: "Amanhã não, hoje. Isso vai sair hoje". Mas saiu. E também nessa situação foi quase ali ao mesmo tempo daquela minha campanha contra o Minervino, não é? Aí sim, aí houve outro processo mas esse processo foi diretamente a mim porque eu escrevi o seguinte:

"Quando entrou na sala do Despacho da Musa linda e cega, Disse um capacho a outro capacho: Entre, caro colega".

FREITAS NETO:- Chichorro, e você lembra quando houve aquela tragédia do Cine Palácio que ruiu o piso e morreram umas oito pessoas, também?

CHICHORRO:- Me lembro.

FREITAS NETO:- O jornal também moveu uma campanha, não é? O prédio era do Prefeito da época, não é?

CHICHORRO:- É, doutor Garcez. Naquela época o amigo ainda não trabalhava lá, não trabalhava lá n'O DIA?

FREITAS NETO:- Eu, não, ainda não, era meu pai, era meu pai.

CHICHORRO:- Então, era o Adalberto Marca Correia que era o gerente. Mandou chamar todos os funcionários, foi num domingo e tirou uma edição especial:

FREITAS NETO:- Exatamente, edição extra.

CHICHORRO:- É, uma edição extra.

FREITAS NETO:- Isso foi em vinte e?

CHICHORRO:- 28.

FREITAS NETO:- Em 28, não é? Imagine que já se tiravam edições extras em 28. Hoje os jornais que tiram edições extras fazem fac-símile na primeira página para dizerem que tiraram uma edição extra.

CHICHORRO:- Decretam dia feriado.

FREITAS NETO:- Decretam feriado, é?

CHICHORRO:- Foi muito interessante aquela época, não é, do jornal. Agora, trabalhava-se, e nunca ninguém falava em dinheiro. Um dia, estava atrasado cinco meses e cheguei pro diretor e falei;

"Doutor Caio, veja, estou cinco meses atrasado". Ele diz:

"Não faz mal, eu vou aumentar". Eu digo:

"Não quero aumento, eu quero o ordenado".

FREITAS NETO:- Aumentar o que não recebia, não é? Chichorro, e você lembra quando foi criada uma comissão de coordenação de preços, houve um fato com você também: você fez uma charge sobre um vizinho, negócio da cerca de outro vizinho...você acabou inclusive, se não me engano, sendo preso. Como é que foi aquela história?

CHICHORRO:- Era um general, né?

FREITAS NETO:- É, era um general.

CHICHORRO:- Era um general. Foi depois da Revolução de 32, foi a Revolução de São Paulo. E aí eu criei um slogan, né, tudo que acontecia na terra "foi o regime pas-

sado que tanto nos infelicitou". Todo o dia saía aquilo.

FREITAS NETO:- Era uma frase criada para conjurar qualquer situação irregular.

CHICHORRO:- É, e foi uma comissão lá na redação pedir que eu não dissesse mais aquilo, que todo mundo estava brincando com a revolução, que aquilo não era uma frase para sair assim. Aí, no dia seguinte saiu a Marcolina dizendo:

"Tiraram a minha agulha de crochê daqui". Diz:

"Vá se queixar pro general porque agora nós estamos num regime passado que tanto nos infelicitou". E fui preso.

FREITAS NETO:- E foi preso mesmo. Mas assim era a imprensa do tempo de Alceu Chichorro e do tempo em que eu comeci as minhas lides jornalísticas também.

CHICHORRO:- E seu pai já trabalhava.

FREITAS NETO:- Exato. Imprensa que fazia, em que a opinião do jornal era a média das opiniões dos que nele trabalhavam; em que o jornalista era jornalista porque ele achava que devia defender uma série de princípios, de normas, e que não tinha medo de contrariar a vontade dos poderosos da época e que, ao contrário de época posterior, os poderosos geralmente recebiam as críticas e não os elogios através dos seus bem-montados esquemas de propaganda que a gente tão bem conhece. Então, a imprensa daquela época retratava até certo ponto - e acredito que esse até certo ponto fosse quase que integralmente - a opinião pública da cidade. Hoje nós sabemos que as informações são dirigidas e o grande público geralmente não tem um retrato sem retoques da situação de sua cidade, da situação de sua comunidade, tanto política como administrativa ou social e todos os outros aspectos. Mas Chichorro, voltando agora à poesia, você já escreveu quantos livros de poesia?

CHICHORRO:- De poesia, um só. E dois, de crônicas, não é.

FREITAS NETO:- Ah, e dois, de crônicas.

CHICHORRO:- Dois, de crônicas. Já hoje, pelo que eu tenho feito, já daria para tirar mais um. Mas a dificuldade, hoje, de impressão é tão grande que é quase que impossível. Se eu fosse reunir o que eu tenho em casa, de crônicas, daria só sessenta livros.

FREITAS NETO:- Foi um trabalho, por sinal, de quarenta e poucos anos?

CHICHORRO:- É, de quarenta e três anos.

FREITAS NETO:- Quarenta e três anos. E as charges, você chegou a enfeixar em algum volume ou não?

CHICHORRO:- Não, as charges não. Era muito difícil, sabe, muito difícil. É verdade que a maioria também perdia oportunidade porque elas eram interessantes no dia, depois...

FREITAS NETO:- Exato, retratando o acontecimento atual. Esse é o lado, vamos dizer assim, negativo, do contexto cultural do jornalismo, não é? O jornal é feito só pra viver 24 horas, não fica, não é?

CHICHORRO:- Daí no dia seguinte ele já é considerado passado.

FREITAS NETO:- É pão velho.

CHICHORRO:- Pão velho. O jornal tem que ser na hora, não é? Por isso que muitos já põe no título: Jornal A HORA.

FREITAS NETO:- É, pois é, e ainda tem: A ÚLTIMA HORA. Chichorro, alguma coisa mais que você gostaria de nos contar?

CHICHORRO:- O que é que eu poderia contar...do jornal?

FREITAS NETO:- É, da sua vida profissional.

CHICHORRO:- Dos Correios e Telégrafos nada eu tenho que contar que fosse interessante aqui nesta entrevista; agora, de jornal há muita coisa mas que também tem muita gente viva e que a gente pode ferir suscetibilidade.

FREITAS NETO:- É, de fato.

CHICHORRO:- Há, por exemplo, depois daquela grande campanha que eu fiz, que foi reproduzido em toda a parte e o jornal de Pernambuco declarou que "nunca houve no Brasil uma campanha assim, em caricatura e contra a mais alta autoridade do Estado, como sendo, o Presidente do Tribunal de Justiça". E que fez mais, terminou quando eu gachei por unanimidade no processo, aí estava terminado o processo, eu fiz a opinião pública pondo ele no carrinho de lixo. Diz: "Povis est in povi revertere" (SIC). Aí terminou a campanha.

FREITAS NETO:- Terminou a campanha com a última charge sobre o caso. Mas, o carnaval também dava grande motivação às suas charges, não?

CHICHORRO:- É. Eu fui fazer, uma ocasião, um carnaval todo de fantasia e fiz a caricatura de cada um. Não sei onde eu estava bem com a cabeça que eu fiz Dr. Clotário fantasiado de Casta Zuzana. Ah, esse me deu trabalho, depois.

FREITAS NETO:- O Clotário Portugal, é?

CHICHORRO:- Porque nada que a gente fazia nesta terra diziam: "não, só ele que resolve". Estão gravando? Não faz mal, deixe, agora ficou. Mas era assim na época, não? Nós estávamos dentro da nossa época, eu com o Corrêa Júnior. Quando houve a revolução veio um bacharel e disse que era consultor jurídico da revolução. Pois a revolução, meu Deus, revolucionou tudo, como é que tinha consultor jurídico? Diz:

"Está tudo preso e vai lá pro João Alberto" que tinha dois quartéis-generais em Curitiba. Eu, mais esperto, dei a volta e fugi, fui pra Sociedade Duque de Caxias, não

fui lá. Corrêa Júnior, depois ele voltou e disse:
"Mas é bobagem, Chichorro, tenho de declarar lá, você tem que assinar que vai pro front". Digo:
"Aonde é que fica o front, eu não sei onde é, como é que eu vou"? Diz:
"Não, é lá em Itararé".
"Ah, digo, lá vou eu". Quando terminar a batalha de Itararé tem o barão de Itararé mas eu serei o duque. E nesta conversa apareceram eles, inclusive um que é vivo aqui, mas eles não tem mal nenhum, não haviamal nenhum. Diz:
"O senhor tem que ir declarar lá que foi pro front".
Digo:
"Então o senhor trouxe, eu assino já. Tem outras coisínhas aí prá assinar"? Diz:
"Coisinha coisa alguma, seu, isso é sério, Chichorro".
Digo:
"É sério para os senhores que fazem mas eu não estou fazendo revolução".

FREITAS NETO:- Problemas deles.

CHICHORRO:- É, deles. De modo que era muito engraçada a nossa imprensa aqui, não é? Era uma imprensa boêmia, uma imprensa de boêmios diferentes. Hoje chamam ou costumam chamar boêmio aquele que faz uma gritaria e quebra os copos. Esse não é, nunca foi boêmio. A nossa boemia amanhecia fazendo sô boemia. Quando não tinha outra coisa, vamos inventar. Então, uma noite Corrêa Júnior chegou e disse:
"Você não quer representar, aqui, Romeu e Julieta"?
Eu disse:
"Está bom, você vai em cima daquele - tinha um armário de vidro - você é a Julieta e eu sou o Romeu, fico aqui embaixo. Agora, como não tem trança para subir lá, você arranja uma escada".
Quando foi, caiu a Julieta, caiu tudo no meio, e o dono que era Bartolomeu chegou e disse:
"E agora?" Digo:
"E agora o senhor vai arcar com o prejuízo porque só a representação quanto não vale?"

FREITAS NETO:- Teve que pagar, ainda.

MT:- "O tipo de brincadeira sadia, eles achavam graça em tudo.

CHICHORRO:- E ele no dia seguinte, já, nos recebia alegre, contente, ali.

FREITAS NETO:- Ele se dava por bem pago por causa da pia da. Claro, talento custa dinheiro.

CHICHORRO:- Ora. Outra vez fomos representar no Passeio Público, A TOSCA.

FREITAS NETO:- A ópera?

CHICHORRO:- A ópera. Então lá num pedaço, quando o barão de Scarpia diz: "És tu, Mário Cavaradocci" e ele diz: "si", aí veio a descarga, não tinha água, então vai pedra.

FREITAS NETO:- Vai o que? Pedra?

CHICHORRO:- Pedra. E o Paulinho Colle que estava acompanhando disse: "O senhor distribuiu todos os papéis e eu, o que é que faço"? Digo:
"Você é o respeitável público".

FREITAS NETO:- Muito boa, essa.

CHICHORRO:- De modo que a gente vê ou lembra que era uma imprensa sadia e como aqui o meu nobre amigo diz: "que sabia escrever". Hoje não precisa saber escrever, a maioria da imprensa precisa é ter tesoura e cola prá cortar e colar o que ela corta dos outros jornais. De modo que é fácil, hoje, ser jornalista. Eu não posso também, me referir assim porque vão dizer que eu sou meio despeitado, porque não trabalho mais, efetivo, no jornal. E não quero, mesmo, trabalhar. Há um rapaz aí, que diz:
"Eu sei que você está meio despeitado". Digo:
"Você está mentindo, não é verdade. Se eu fosse, eu usava a Pasta Russa..."

FREITAS NETO:- Está bom, Chichorro. Então esse foi o de-

poimento, como eu já referi, parcial, da vida de jornalista e de boêmio de ALCEU CHICHORRO - um homem que marcou época dentro da sua época como jornalista, utilizando uma das armas mais contundentes da crítica - a charge - principalmente a charge política. A sua contribuição, aparentemente aos menos avisados ou aqueles que não acompanharam a sua trajetória profissional pode não parecer muito relevante por causa do seu aspecto humorístico. Mas dentro do sentido de verve estava a crítica altamente construtiva, aquela crítica consubstanciada no combate, na verberação aos maus governantes, aos maus cidadãos e aqueles que não honravam as funções públicas que ocupavam e que contrariavam as normas, naquela época mais rígidas logicamente, da sociedade. Contribuição de ALCEU CHICHORRO à imprensa do Paraná foi, portanto, eu posso dizê-lo com segurança pois acompanhei grande parte de sua vida profissional, das mais valiosas. Ele representou uma época de nossa imprensa que não vai voltar mais, inegavelmente; aquela época, como ele já disse, em que o jornalista não recebia ou recebia com atraso, mas isto não lhe tirava o elan de continuar na sua luta que era mais sua do que da empresa jornalística, ao contrário de hoje. E, cujo ambiente de trabalho era um como que anfiteatro de uma luta de talento, de censo de humor, de inteligência. Tão diferente de hoje, das redações dos jornais que mais parecem grandes escritórios com gente riscando papel e que se chamam de agravadores; com gente picotando fitas de um aparelho que se chama telex; ou de máquinas batendo sozinhas, sem operadores, que se chamam teletipos. É a industrialização da notícia. A informação, não temos a mínima dúvida, hoje pode ser mais perfeita e chegar mais rapidamente aqueles que a recebem. Mas ela jamais deixará de ter a marca de espontaneidade e do calor que só quem pode imprimi-la é o homem. Muito obrigado, ALCEU CHICHORRO, por esse depoimento

ao Museu da Imagem e do Som da Biblioteca Pública do Paraná.

CHICHORRO:- Sou eu, afinal, quem tem que agradecer. Muito obrigado.



O UNICO RECURSO...

"Duas guerras e alguns movimentos com o armamento crescente de todas as nações, preocupam o mundo".

(Desenho)



O unico recurso para a gente se livrar do incendio é viver no mundo da lua !...

ALCEU "ELOY" CHICHORRO - AMOSTRAGEM

O volume de trabalho de Alceu Chichorro pede uma análise exaustiva que, realizada, poderá representar valiosa contribuição a varios aspectos da cultura regional e nacional.

Ao longo de mais de meio século, Chichorro produziu milhares de cartuns, charges, desenhos e textos, sempre atrelados às realidades mais cotidianas, aos assuntos mais em moda.

Um universo extremamente rico onde predomina, como tema, a política e a economia do País, via glosando uma machete ou trecho de notícia.

Mas os azares políticos econômicos não são representados nos desenhos, a não ser e como exceção, simbolicamente. Quem comparece são os tipos mais comuns e ruiros, dando o recado do dia. E, principalmente, garotas, num estilo de que expressão máxima foi J. Carlos. Essa, aliás, é um aspecto da arte de Chichorro capaz de render um excelente trabalho de análise: a moda feminina, detalhada com meticuloso voyeurismo.

Voyeurismo mais que evidente e assumido em seus livros de crônicas *Tanque de Jerusalém (1923)* e *Mulheres e mais Mulheres (1964)*, este com 163 crônicas sobre o tema de sua predileção.

Chichorro foi também bom caricaturista, sendo fácil indentificar os políticos e as personalidades de outros tempos quando estes comparecem em seus cartuns. No entanto, mantenho minha predileção sobre os tipos mais comuns, verdadeiros arquétipos populares, de que a trinca Chico Fumaça / Marcolina Totô é o exemplo mais acabados mas não o único.

No que diz respeito ao desenho em si, o traço de Chichorro é o do seu tempo, nem mais nem menos. As composições são bem equilibradas e correta

mente elaboradas, mas não seria fácil indentifica-la entre algumas de suas colegas contemporâneas, nacionais ou não. Não se trata de insinuar plágio, mas da assimilação de algumas influências fortíssimas de seu tempo: por exemplo, a do americano George MacManus. Há também, a presença eventual dos rasgos brasileiros, com a reciclagem de cartuns :desenhos velhos com legendas de situações novas.

A presente amostragem foi retirada do volumoso material arquivado - e infelizmente ainda sem data - na Casa da Memória. Pela contextualização, trata-se de trabalhos do tempo da Segunda Guerra Mundial, embora o referido material estenda - se de 1935 a 1955, aproximadamente. Escolhemos cartuns que, além da reprodutibilidade - não esquecer que foram impressos no tempo clichê do zinco, que deve ter levados alguns artistas mais perfeccionistas ao suicídio - apresentam uma temática permanente. O que não apresentou dificuldade alguma: inflação e custo de vida, politiquice e demagogia, novas Republicas novas, congelamentos e poluições são ao que tudo indica, assuntos de e para sempre o Brasil.

O que eventualmente se poderá achar que é novidade é o cartun sobre uma Cicciolina carioca, que poderá levar a velha Europa a ter problemas de coluna, de tanto se curvar ante o Brasil.

KEY IMAGUIRE JUNIOR

MAIS UMA CASSAÇÃO...

"Roma — A senadora Laura Diaz, terá, certamente, o seu mandato cassado, por falta de decôro parlamentar, usando linguagem pouco limpa, contr: chefes de Estado".
(Dos jornais)



— Veja você, depois de tanto trabalho para ser eleita, vae ter o seu mandato cassado por falta de decôro!
— Ela teria se deixado fotografar de cuécas como o Barreto Pinto?!...

NADA DE EXCESSOS...



— Com quem a senhora veio à praia?
— Com meu marido... O médico recomendou-me absolute repouso L...



SUBINDO...

"Continúa a subir os preços de tudo".

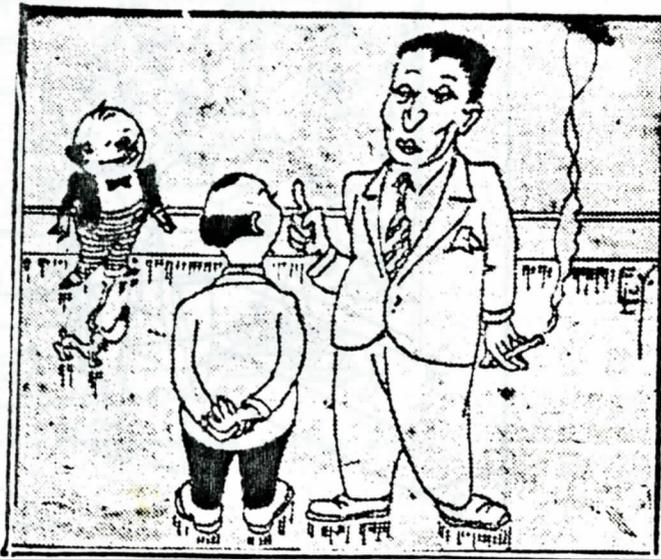


— Si a guerra européia continúa, até onde chegará a subir os preços ? ! ...



MAIS UM EMPRÉSTIMO

"Washington — O Brasil está negociando um empréstimo de 50.000.000 de dólares, com o Banco Federal da Reserva, em New York." (Dos jornais)



- Mais um empréstimo, no estrangeiro, para atender às necessidades nacionais!
- Para propaganda de que candidatura será empregado, heim?!...

A SUPER-BOMBA

"Chicago — O cientista atômico Hans A. Bethe declarou que não se justifica a produção da super-bomba, quando todos os países procuram uma paz justa e duradoura." (Dos jornais).

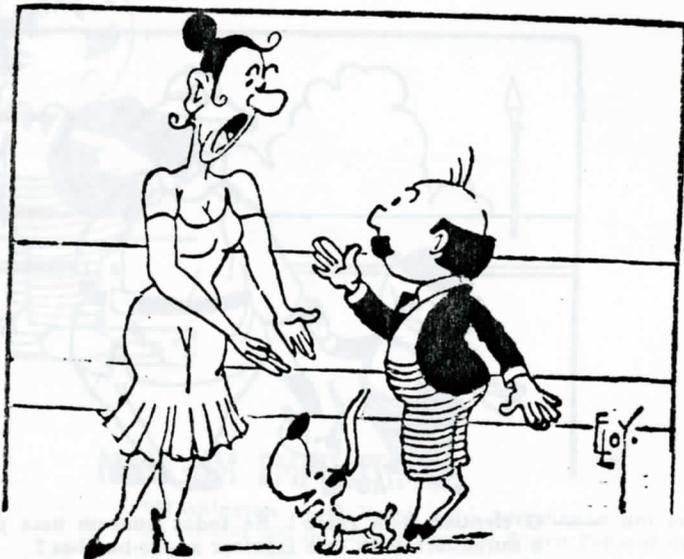


- O cientista tem razão! Se todos querem uma paz justa e duradoura para que fabricar super-bombas?
- Mas sempre foi assim, "seu" guarda... Há necessidade de um STOCK de bombas para bombardear os que não têm bombas!...



NÃO TEM JEITO...

"RIO — A cidade está ameaçada de ficar sem leite devido a notícia de que a "Cofap" vai congelar o preço deste produto".
(Dos JORNAIS).



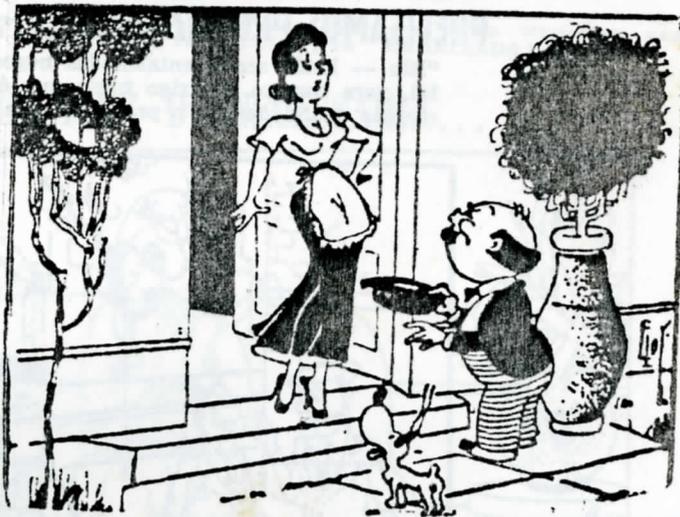
- O Brasil, nesta questão do leite você não acha que está cheio de malandros das fêtas?
- Coalhado!...



... E FIQUEM TRANQUILOS...

«Rio — O «Diário da Noite», publicando uma entrevista sobre a lei do inquilinato diz que «os inquilinos não ficarão desprotegidos e que teremos nova lei em 1950».

(Dos jornais)



- Que é que o senhorio resolveu?
- Ele mandou dizer que até 1950 todos terão que pagar POR FÓRA e, depois, aumentará os alugueres DENTRO da lei!...

OS NOVOS CINTOS...

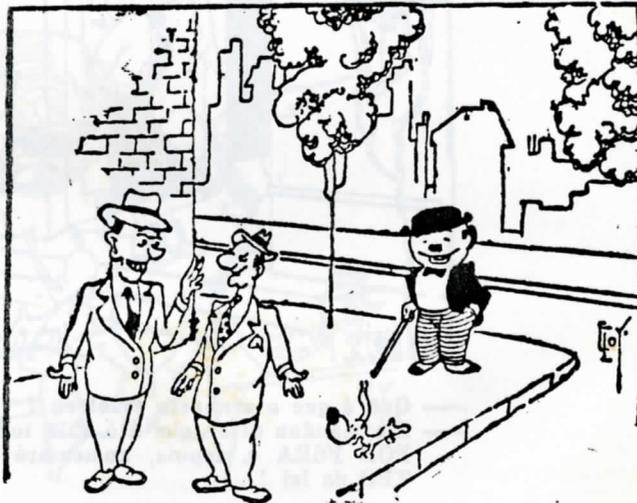


- Afinal que móda é esta?
- Cintos "Horácio Lafer", para apertar a barriga contra o alto custo da vida!...

PRECISAMOS PRODUZIR MAIS...

"Rio — Estão sendo entabuladas negociações nesta Capital, para compra de trigo turco que é mais barato e de melhor qualidade que o procedente da Argentina."

(Dos jornais).



- Trigo da Turquia?
- E' para fazermos quibe com carne do Uruguai!...

mis MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

DEFENDENDO AS CÔRES...

"Após ao jogo com os tchecos, os embaixadores brasileiros deixaram o campo sob aplausos."

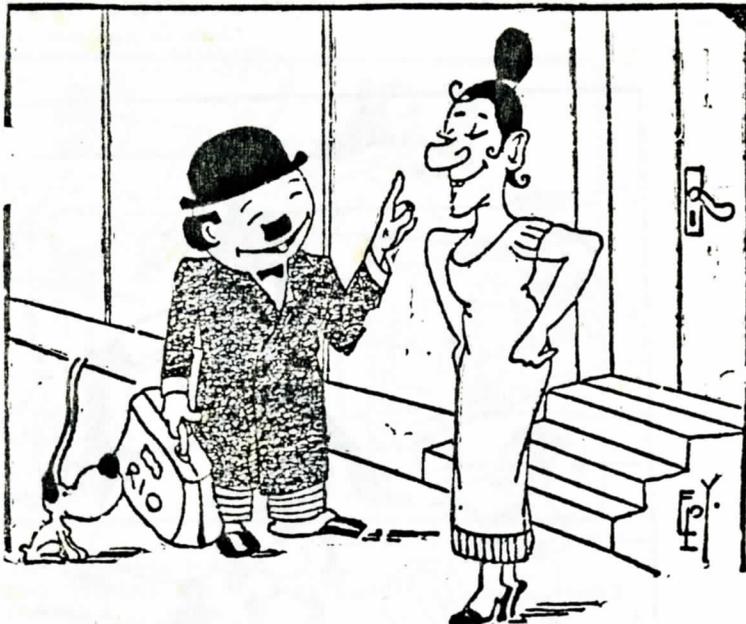


- Você não me pega mais em livro, ouviu Merintiba; pégue já esta bôla e vá ESTUDA p'ra EMBALXADO!...

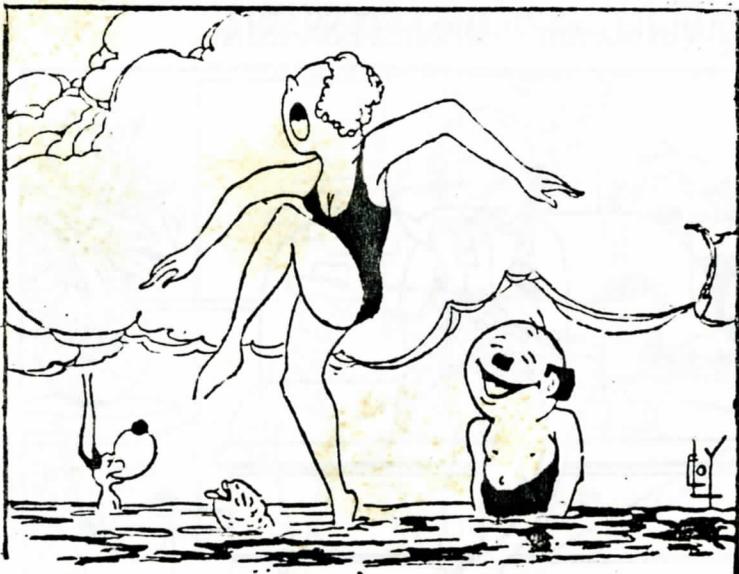
"MAQUILLAGE" DESNECESSARIA...



- Eu creio que esta MAQUILLAGE é inutil, dona Republica Nos va... A senhora não conseguirá um desquite amigavel para fazer o contrato por sete annos...



— Que vai você fazer no Rio, Fumaça ?
 — Eu ? Adherir ao Zé Americo para saber onde está o dinheiro!..



— U! Esta praia tem ser!...
 — Como esta pequena é "seri... galta!..."

★1989
 CENTENÁRIO
 da REPÚBLICA

MUSEU
 DA IMAGEM
 E DO SOM
 mis



CADERNOS DO MIS
 1 - O TROPEIRO
 2 - O CADERNO DE
 DONA SELMIRA

GOVERNO DO PARANÁ
Álvaro Dias

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
René Ariel Dotti

DIRETORIA GERAL
Danillo Lorusso

COORDENADORIA DE MUSEUS
Ivens de Jesus da Fontoura

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
Valêncio Xavier

